

Lady Day, 90

Billie Holiday, que tornou a canção antilinchamento *Strange Fruit* um sucesso no final dos anos 1930, completaria 90 anos em abril

Em 1939, o Café Society, uma casa noturna na cidade de Nova Iorque, onde jovens intelectuais brancos de orientação esquerdista conviviam harmoniosamente com negros, tornou-se palco do surgimento de um mito. Numa noite, no decorrer da apresentação de uma cantora negra, todas as luzes da casa foram apagadas. Os garçons se retiraram, quietos. Apenas um *spot* de luz foi aceso para iluminar o rosto da artista que, de forma melancólica e triste, cantou uma música que falava dos linchamentos de negros no sul dos EUA. A canção – *Strange Fruit* – encerrou a apresentação de Eleanor Fagan Gough naquela noite, que a platéia, atônita, sequer aplaudiu.

Se viva, Eleanor – que o mundo conheceu como Billie Holiday – completaria 90 anos em abril. Durante seus 44 anos de existência, ela levou uma vida marcada por tragédias. Seu pai, Clarence Holiday, que nunca se casou com sua mãe, Sadie Fagan, abandonou a família quando Billie era ainda bebê. Aos 10 anos, foi estuprada e forçada a freqüentar uma escola católica. Aos 13 anos, já em Nova Iorque, foi detida por quatro meses por prostituição. Nos anos seguintes ela teria vários outros problemas com a Justiça – foi presa diversas vezes por prostituição e porte de drogas.

A grande virada O início da carreira de *Lady Day* – apelido que ganhou de um de seus melhores amigos e companheiro de shows, Lester Young

– foi marcada por um repertório de pouca expressão, já que as melhores músicas eram destinadas geralmente aos intérpretes brancos. Com a ajuda de John Hammond, um jovem produtor de 23 anos, que mais tarde viria a ganhar fama por descobrir inúmeros talentos, ela conseguiu relativo sucesso trabalhando com artistas de ponta e excursionando por todo o país com grupos liderados por Jimmie Lunceford e Fletcher Henderson. Mas a grande virada em sua carreira se deu com *Strange Fruit*, que ela gravou e que se tornaria canção obrigatória em seu repertório.

O ambiente da época era propício para que a música fizesse sucesso. A letra foi composta originalmente em 1937, como um poema, pelo professor comunista Abel Meeropol (que a assinou com o pseudônimo de Lewis Allan). Viviam-se um período em que “as idéias, a política e a cultura de esquerda realmente provocaram uma alteração no curso da cultura norte-americana, e, de certo modo a ‘elaboraram’”, como disse Michael Benning, autor do livro *A Frente Cultural* a REPORTAGEM (ver na edição nº 27 O nascimento da cultura americana moderna).

Denning traça uma linha importante entre o jazz e a esquerda. Esse nexos também é mencionado pelo historiador Eric Hobsbawm, em sua *História Social do Jazz*. Segundo ele, os primeiros grupos de adeptos do jazz que conheceu em Cambridge, Inglaterra, “era daqueles que estavam nas adjacências do Partido Comunista nos anos imediatamente antes da guerra”. Um desses esquerdistas fãs de jazz era Barney Josefson, dono do Café Society, que, ao tomar conhecimento do poema de Allan, sugeriu que Billie o interpretasse. Após certa relutância, ela concordou. Seu pianista, Sonny White, fez a melodia.

Mas, apesar de *Strange Fruit* ter se tornado rapidamente o ponto alto

das apresentações de Billie, acabou também colocando obstáculos na carreira da cantora. Quando ela tentou gravar a canção, por exemplo, Hammond recusou, por achar que Billie deveria se manter em uma linha não muito séria, sem envolvimento com causas políticas. Foi Milt Gablers, do selo Commodore, quem decidiu gravá-la, transformando *Strange Fruit* em um dos maiores sucessos de *Lady Day* – mesmo diante do fato de muitos programadores de rádio se negarem a reproduzi-la.

Com o passar dos anos, a conturbada vida pessoal de Billie começou a afetar cada vez mais sua carreira. Em 1947, quando perdeu sua mãe, ela foi condenada a 8 meses de prisão por porte de drogas e a má publicidade em torno do caso fez com que as casas de show a recusassem. Nos anos seguintes, nota-se uma significativa perda na qualidade de sua voz, o que ela compensou com interpretações mais dramáticas.

Em 1954 ainda fez sucesso em uma turnê pela Europa e, três anos mais tarde, numa apresentação na TV americana CBS. Mas, a essa altura sua carreira estava definhando. Em 1959 foi presa novamente por porte de drogas, dessa vez em pleno quarto de hospital onde estava internada por problemas no coração e fígado. Nunca saiu dali: morreu em 17 de julho de 1959, vítima de colapso cardíaco. “Toda a minha vida não fiz outra coisa senão brigar. Estou cansada de brigar”, chegou a declarar a cantora nos últimos anos de vida. [FD]



STRANGE FRUIT
[Lewis Allen, 1937]

“As árvores do sul ostentam/ Uma estranha fruta/ Sangue nas folhas/ E sangue nas raízes/ Corpo negro/ Balançando na brisa sulista/ Estranha fruta/ Pendendo dos álamos/ Cena bucólica do galante sul/ Olhos esbugalhados/ E boca torcida/ Doce e fresco perfume/ De magnólia/ E o súbito cheiro/ De carne queimada./ Aqui está a fruta/ Para os corvos extirparem/ Para a chuva enrugar/ O vento sorver/ Para o sol decompor/ A planta gotejar/ Aqui está a estranha/ E amarga colheita...”

[Tradução Silas Corrêa Leite]